



Considerações acerca do Mal e suas representações na literatura e na religião judaicas: o legado para o Cristianismo Primitivo

Considerations about Evil and its representations in Jewish literature and religion: the legacy to Primitive Christianity

ESTEVES, Germano Miguel Favaro¹

Rsumo: Tratando diretamente da herança cristã, a religião judaica e sua composição literária, vemos que é esta que traça as bases para uma compreensão maior do que seria a representação do Mal no Cristianismo. A análise de tal literatura, com relação ao tema, justifica-se, pois algumas dessas obras expressam a opinião de que a opressão e a violência indicavam que o mundo estava nas mãos do Diabo. Nesse caminho, no Antigo Testamento, nos evangelhos apócrifos e na apocalíptica judaica, a moral dos judeus estava mais ligada às transgressões do tabu do que às violações da justiça social. Dessa forma, a idolatria, a blasfêmia, a profanação de rituais e o perjúrio são transgressões contra Yahweh, condenadas e dignas de total reprovação, relegadas ao Mal. Assim, como objetivo deste trabalho, propomos a análise de fontes do período judaico, sobretudo daquelas que, na longa duração, legaram ao Cristianismo Primitivo as representações diabólicas.

Palavras-chave: Mal, Literatura, Judeus, Diabo.

¹ Doutor em História pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP); Pós-Doutorando do Programa de Pós Graduação em História da Unesp (FCL - Assis)

Abstract: In dealing directly with the Christian heritage, the Jewish religion and its literary composition, we see that it lays the foundation for a greater understanding of what the Evil representation in Christianity would be. The analysis of this literature, in relation to the subject, is justified, because some of these works express the opinion that the oppression and the violence indicated that the world was in the hands of the Devil. On this path, in the Old Testament, in the apocryphal Gospels, and in Jewish apocalyptic, the moral of the Jews was more tied to the transgressions of the taboo than to violations of social justice. Thus, idolatry, blasphemy, profanation of rituals and perjury are transgressions against Yahweh, condemned and worthy of total reproach, relegated to Evil. Thus, as an objective of this work, we propose the analysis of sources of the Jewish period, especially those that, in the long term, bequeathed to the primitive Christianity the diabolical representations.

Keywords: Evil, Literature, Jewish, Devil

Introdução

O cristianismo primitivo, aquele que se desenvolveu nos primeiros séculos no Império Romano, é herdeiro de um pensamento diretamente ligado às tradições e à literatura judaica. Dentro destas, uma das representações que mais chama a atenção por sua permanência na longa duração é aquela relativa à origem do Mal e a quem o pratica. São diversas as elaborações feitas pelos judeus que influenciarão sobremaneira a percepção do Mal nos pensadores cristãos dos primeiros séculos.

A proposição deste artigo se constitui, portanto, em uma breve análise de fontes judaicas anteriores ao nascimento do cristianismo que, do ponto de vista aqui adotado, influenciaram as ideias dos primeiros padres da Igreja acerca da origem do Mal, do surgimento do Diabo e das representações do Deus vingativo veterotestamentário que povoam o imaginário cristão.

Sendo assim, tratando diretamente do antecedente cristão, o judaísmo, ou o mundo hebraico, percebe-se que é este que traça as bases para uma compreensão maior do que se tornará a representação do Mal na ideologia cristã. Segundo a religião hebraica anterior ao exílio, Yahweh fez tudo o que havia no céu e na terra, tanto no que tange ao Bem quanto ao Mal. Portanto, de uma forma direta, o Diabo, em sua manifestação cristã, não existe. O conceito hebraico de Diabo desenvolveu-se gradualmente, surgindo de certas tensões oriundas das interpretações do conceito de Yahweh (RUSSEL, 1991, p. 173).

As representações do Mal na Literatura Hebraica

Para tratar mais pontualmente do assunto, pode-se considerar em um primeiro ponto como surge o conceito de Diabo no Velho Testamento. Este foi compilado durante um longo período, de cerca de 900 a.C. até por volta de 100 a.C., sendo que a maioria dos seus livros foi escrita, em sua atual forma, durante e depois do período do Cativo da Babilônia (586-538) mostrando traços da influência cananeia, babilônica, iraniana e helênica. O sofrimento do povo judaico nesse período também produziu uma variedade de textos literários chamados de Apocalíptica Judaica, escritos dos quais poucos foram considerados canônicos, e que consistiam em grande parte de visões nas quais o fim

do mundo tinha todo o destaque. Algumas dessas obras expressavam a opinião de que a opressão dos judeus indicava que o mundo estava nas mãos do Diabo (RUSSEL, 1991, p. 174).

Na Antiguidade, eram patriarcas e reis que governaram, mas em épocas mais recentes, no momento da produção dos textos, acreditava-se que o Diabo tinha estabelecido seu domínio sobre a terra. Acreditava-se que, dentro de pouco tempo, o reino que estava sob o poder do Diabo pereceria, antes da época da vinda do Messias, que traria um novo reino de justiça e luz. Como as profecias vindas da Apocalíptica Judaica baseavam-se em acontecimentos da época dos seus verdadeiros autores e do público ouvinte, tinham maior validade (RUSSEL, 1991, p. 175).

Como afirma Burton Russel, a literatura rabínica pouco se ocupava da demonologia presente na literatura apocalíptica, o que pode vir a explicar o fato de ser o Diabo muito menos importante no pensamento judaico do que na literatura e textos posteriores cristãos (RUSSEL, 1991, p. 175). Mais especificamente, o autor argumenta que pelo menos quatro interpretações do Diabo hebraico tiveram influência na literatura cristã. Vejamos:

A primeira é que Satã era um demônio entre os demônios, que ascendeu à posição de chefe deles. A segunda é que Satã é uma personificação do impulso do mal dentro do homem. A terceira explicação é de que Satã era um dos servos de Deus, cuja moral e motivação declinaram constantemente. E finalmente a quarta explicação percebe melhor o metabolismo histórico do conceito: Satã é a personificação do lado negro de Deus, aquele elemento dentro de Yahweh que obstruiu o bem. (RUSSEL, 1991, p. 175-176).

Analisando cada interpretação, percebe-se que a primeira falha sob muitos aspectos. Não há provas de que tivesse havido um demônio menor chamado Satã, e embora existam muitas manifestações do Mal entre os demônios hebraicos, nenhum (com a única exceção de Azazel) se aproximou da alta posição de apoteose do Mal. A segunda, mostra que Satã é uma expressão anterior, que todo homem carrega dentro de si, mas, sob a luz de alguns autores do Antigo Testamento que consideravam Satã uma realidade objetiva e, desta forma, viva e tangível, esse argumento acaba por não convencer e cair numa falácia. A terceira explicação é menos uma justificativa do que uma descrição de um processo.

Neste caminho, constata-se que no Antigo Testamento a moral dos hebreus estava mais ligada às transgressões do tabu do que às violações da justiça social (RUSSEL, 1991, p. 176). Desta forma, a idolatria, a blasfêmia, a profanação do Sabá e o perjúrio são considerados transgressões contra Yahweh que são condenadas no Antigo Testamento. Assim, o Deus do Velho Testamento é um Deus diferente, punitivo, que castigava aqueles que não seguiam seus ditames e punia severamente aqueles que ousassem ir contra sua moral e seu senso de justiça.

Tais atitudes vêm diretamente de encontro ao monoteísmo praticado pelos hebreus, pois como o Deus de Israel era único, o poder supremo no cosmos, o ordenador de todas as coisas, nenhum ato poderia ser praticado se não fosse por ele desejado ou mandado. Existem diversas passagens sobre como Yahweh poderia ser cruel com os estrangeiros e também com o seu povo. No exemplo de Gênesis, capítulo 12, versículo

17, após Abraão fazer de Sara, sua esposa, sua irmã, para não ser morto no Egito, recebe presentes como bois, jumentos, servos e servas do faraó, que, por tê-la tomada como esposa, foi punido com pragas e mais pragas. Por fim, em continuação, o texto bíblico indica que Deus castiga o faraó matando todos os primogênitos do Egito, mas poupa os filhos de Israel de sua fúria.

Por outro lado, se os hebreus por acaso tivessem algum tipo de piedade com relação aos seus inimigos, seriam seriamente reprimidos por seu Deus por irem contra os seus desígnios. Exemplos destes episódios podem ser encontrados em Juízes 2: 1-2 e Samuel II 17: 14, notando que nas passagens do profeta Isaías (6: 1-13), Yahweh podia até mesmo tratar toda a Israel da mesma forma como havia tratado os egípcios:

“Vai, pois, dizer a esse povo”, disse ele: “Escutai, sem chegar a compreender, olhai, sem chegar a ver. Obceca o coração desse povo, ensurdece-lhe os ouvidos, fecha-lhe os olhos, de modo que não veja nada com seus olhos, não ouça com seus ouvidos, não compreenda nada com seu espírito. E não se cure de novo”. “Até quando, Senhor?”, disse eu. E ele respondeu: “Até que as cidades fiquem devastadas e sem habitantes, as casas, sem gente, e a terra, deserta”.

Outro exemplo que deixa claro como Yahweh pode ser facilmente confundido com o Mal encontra-se no livro do Deuteronômio 32: 39-42. Vejamos:

Reconhecei agora: eu só, somente eu sou Deus, e não há outro além de mim. Eu extermino e chamo à vida, eu firo e curo, e não há quem o arranque da minha mão. Levanto para o céu a minha mão e digo: tão certo como eu vivo eternamente, quando afiar a minha espada reluzente e tomar a minha aljava, vingá-me-ei dos meus inimigos e darei a paga aos que me odeiam; embriagarei de sangue as minhas flechas, minha espada se saciará de carne, do sangue das vítimas e dos prisioneiros, das cabeças dos chefes inimigos.

Tais ensinamentos fizeram com que o senso hebreu acerca do Bem e do Mal sofresse uma alteração, passando da ênfase anterior no tabu ritual para uma ética prática humana de responsabilidade mútua, evitando, como descrito no Velho Testamento, práticas que fossem de encontro aos novos costumes que começavam a ser adotados pela sociedade hebraica e colocando em destaque aquelas que enfatizavam o lado bom daqueles que eram adeptos de tal religião. A partir deste momento, a figura de Yahweh, segundo as escrituras, não mais compactuava com o Deus punitivo e sem misericórdia elencado acima; assim, ocorre uma modificação em suas características, principalmente no senso de destruição e vingança, e os hebreus procuraram novas formas para justificar a prática, a permanência e a existência do Mal.

Uma das novas posições para justificar o Mal no mundo hebraico é que este era resultado dos pecados praticados pela humanidade. Segundo este posicionamento, Yahweh fez a raça humana feliz no Jardim do Éden, mas o primeiro casal desobedeceu às ordens diretas do Deus e em consequência deste ato foram expulsos do paraíso. Segundo Burton Russel:

O Velho Testamento não tomou essa história como base de uma doutrina do pecado original, como mais tarde fariam os autores rabínicos e, ainda mais, os cristãos, mas seguiu o tema da perversidade e do pecado humanos através de Caim, Sodoma e Gomorra, provocando a impiedade e o dilúvio castigador do tempo de Noé, e a repetida inconstância dos israelitas durante a colonização de Canaã e no período dos reinos. (RUSSEL, 1991, p. 180).

O tema da expulsão de Adão e Eva do paraíso e sua interpretação por meio da história têm sido e continuam a ser motivo de debate no meio acadêmico. Alguns estudiosos rejeitam a ideia de que o autor do capítulo três do Gênesis pretendesse equiparar a serpente ao Diabo. Somente na literatura apocalíptica, e posteriormente, a serpente se torna instrumento de Satã ou, em outras interpretações, o próprio Satã.

Após a expulsão, o homem teria se alienado de Deus, e este teria se arrependido, pelo menos em parte, da criação, não somente do homem, mas da criação em sua completude. Este relato sobre o arrependimento do Deus encontra-se em Gênesis 6: 5-7:

O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos de seu coração estavam continuamente voltados para o mal. O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na terra, e teve o coração ferido de íntima dor. E disse: “Exterminarei da superfície da terra o homem que criei, e com ele os animais, os répteis e as aves dos céus, porque eu me arrependo de os haver criado”.

Dando continuidade à leitura do texto veterotestamentário, a que nos parece, Deus se arrepende de ter sido tão duro com a criação e, ao ver a bondade nos olhos de Noé (Gn 6: 9-22.), dá a este e aos pares de animais, macho e fêmea, a oportunidade de salvação frente à sua ira, manifestada no dilúvio de quarenta dias e quarenta noites que tinha como objetivo varrer o Mal da terra. Mas este, mesmo com a simbologia da purificação vinda da água do dilúvio, continuaria assolando o mundo.

Assim, a continuidade do Mal parecia, para o povo hebraico, insuficiente para explicar a enorme e aterrorizadora quantidade de mal praticada pela vontade corrupta dos seres humanos. Desta forma, para encontrar uma nova resposta para este problema que parecia sem solução, os hebreus voltavam-se para outra explicação: o instigador do Mal era um espírito maligno cujo poder de ofender era muito maior que o dos simples mortais. Deste ponto de vista, tiravam o Mal das mãos do homem, das mãos de Yahweh, e o relegavam a uma entidade também superior, porém maligna, que se tornaria responsável por tudo, ou seja, o Diabo.

Nota-se, dessa forma, que antes de tal mudança de paradigma, Yahweh era o Deus da antinomia, de contrários interiores, congregando o dualismo em sua própria “pessoa”, que com a mudança tornou-se “o Senhor”, passando-se a considerar apenas o aspecto bom do Deus. A parte má, portanto, em uma religião estritamente monoteísta, não poderia fazer parte de Yahweh sendo relegada a um outro ser.

A justificativa agora encontra-se no Livro dos Salmos, 82: 1-7, em que o Senhor julga os membros de sua corte celestial e determina a sua queda devido aos pecados cometidos por alguns de seus membros. Assim diz o texto bíblico: “Deus está na congregação dos poderosos, julga no meio dos deuses”; e conclui: “Vós sois deuses, e

todos vós filhos do Altíssimo. Todavia morrereis como homens, e caireis como qualquer dos príncipes”. Sobre a queda dos céus, vemos que esta pode resultar numa passagem da imortalidade para a mortalidade, ou a perda do poder, ou ambos, não significando diretamente uma queda dos céus e não indicando qual era o pecado praticado pelos deuses. Coube aos autores do período da Apocalíptica desenvolver as ideias referentes à queda. Uma pertinente observação é que o texto bíblico veterotestamentário não ensina sobre a caída de Satanás e de sua legião dos céus.

Desta forma, os judeus do período apocalíptico, segundo Russel, não compreenderam por que Yahweh havia abandonado Israel. Se a abandonou, então não poderia haver mais esperança para Israel como nação entre as nações, o que resultaria no controle do Mal sobre o mundo; o Messias, portanto, deveria chegar logo, e enquanto isso, cada pessoa deveria cumprir o seu dever para com o Senhor (RUSSEL, 1991, p. 182). Assim, deixados em um mundo dominado pelo Mal, viam que a moral individual deveria ser concebida como uma questão de se evitar o pecado e não de praticar a virtude. É essa a presença maligna do pecado que veio a perdurar no pensamento rabínico e cristão (RUSSEL, 1991, p. 184).

O Livro dos Vigilantes (1-36), texto com características de uma teodiceia, serve como etiologia do pecado e do Mal, e atribui ambos a uma rebelião nos céus protagonizada pelos *anjos vigilantes* contra Deus (CORRIENTE; PIÑERO, 1984, p. 14-15). Os capítulos de 1 a 5, em que consta o anúncio do juízo futuro contra os vigilantes e contra a humanidade, inicialmente foram criados para servir como introdução ao Livro dos Vigilantes (1-36), mas em seu estado atual servem como uma introdução a todo o livro de 1 Enoque (NICKELSBURG; VANDERKAM, 2004, p. 1). Esses capítulos se constituem em oráculos proféticos, nos quais Enoque anuncia o julgamento divino contra os anjos rebeldes que abandonaram seus postos nos céus e introduziram o Mal no mundo e também contra uma parcela da humanidade que o perpetrou (ARAUJO, 2009, p. 8-9).

Segundo o texto, os vigilantes sentiram-se atraídos pela beleza das filhas dos homens, e conspiraram entre si sob a liderança de Semyaza, com o propósito de tomar como esposas as belas mulheres, filhas dos homens. Então Enoque afastou os vigilantes para além dos limites da própria natureza divina, e isso por sua vez dá a ele, e aos autores apocalípticos, liberdade para destacar a sua natureza maligna, contrapondo-se ao livro do Gênesis e dos Salmos, em que se diz que esses decaídos possuíam realmente a natureza maligna.

Os anjos têm um líder de nome Semyaza, tratado como chefe pela primeira vez em Enoque 6: 3; o termo Guardiães/Vigilantes é empregado pela primeira vez no mesmo livro, capítulo 10, versículo 7. Os nomes do Diabo variam, particularmente no período apocalíptico, sendo referida a cada um deles uma particularidade referente ao mal praticado. Assim, o Diabo é referido com os nomes de: Belial, Mastema, Azazel, Satanail, Sammael, Semyaza ou Satã. Essa característica encontra-se em diferentes religiões e também no seio da própria tradição judaico-cristã. Encontra-se tais ocorrências de Satã em diversas passagens do texto veterotestamentário. Tomando como exemplo a *Vulgata*, tradução para o latim da Bíblia, escrita entre fins do século IV e início do século V por São Jerônimo, a pedido do bispo Damaso I, o nome Satã ou Satanás é recorrente: “Que tenho eu convosco, ó filhos de Sárvia, disse Davi; para que vos torneis um satanás nestes dias para mim? Existe algum homem que deve ser morto neste dia em Israel?

Não tenho a garantia de que hoje sou rei sobre Israel?” (2 Sm 19: 23).

Nesta passagem Satã aparece com sentido de inimigo, como se encontra em edições diferentes da Bíblia; é significativo notar que várias das ocorrências compreendem o contexto e a vida do rei Davi. Nestas passagens do Antigo Testamento, temos o aparecimento da palavra satã como substantivo comum, como em 1 Crônicas 20: 1: “Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi ‘para fazer o censo’”. A palavra é usada para pessoas que eram adversárias para eles em 2 Samuel 19: 22, 1 Reis 5: 4, 18; 11: 14-22, 25; Salmo 109: 6, 20. Eles disseram: “Nomear um ímpio contra ele, que um acusador [Satanás] está em sua mão direita”. Os inimigos de Davi são denominados com uma palavra relacionada com “Satã” no Salmo 38: 20, também em Salmos 71: 13 e 109: 4. Todas estas palavras estão relacionadas, afirmando que foi Deus quem levou os homens a ser “Satã” para Davi e Salomão.

É importante lembrar que o salmo foi composto no século III ou II a.C. e os trechos anteriores têm origem pré-exílica e foram compilados no período pós-exílio. Kugler mostra-nos que esses trechos indicam uma sugestão da personalidade de Satã, pelo fato de que todos esses adversários se opõem à ordem reta e adequada (KUGLER, 1967, p. 34-35). Tal fato pode resultar da raiz da palavra hebraica satã, que tem o sentido de “opor”, “obstruir” ou “acusar”, sendo traduzida pelo grego como *diabolos*, “adversário”, que passou para o latim como *diabolus*, ao alemão *Teufel*, e ao inglês *evil*, que denota, portanto, “o oponente” (RUSSEL, 1991, p. 185).

Outro significado surge da palavra satã em Zacarias:

E o Senhor mostrou-me o sumo sacerdote Josué em pé diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para ser seu adversário. E disse o Senhor a Satanás: O Senhor te repreenda, ó Satanás, sim o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda: não é este um tição tirado do fogo? (Zc 3:1-2).

Este trecho mostra uma grande evolução na concepção de Satã e do Mal, pois ele aparece diretamente em oposição a Yahweh, bem como aos seres humanos, pois é repreendido por Deus por sua conduta. Porém, de outro ponto de vista, este está somente castigando Josué pelos seus erros, e, assim, no lugar de uma conduta totalmente maligna, ele pôde não compreender que o Senhor somente estaria sendo misericordioso. O que fica claro é que ele não só atua como obstrutor, mas também em uma hostil oposição a Josué, pois comparece diante do Deus para acusá-lo, no sentido específico de *acusador*, sentido esse amplamente aceito no judaísmo e cristianismo apocalípticos, devido às conotações do termo grego *diabolos*.

Voltando ao tema dos Vigilantes/Guardiães, vemos que estes desempenham um papel um tanto parecido com o dos Titãs na mitologia grega: ampliam o conhecimento dos homens, mas o fazem contra a vontade de Deus, que considera sua instrução pecaminosa. Na história hebraica, o desejo dos Guardiães, como acrescenta Russel, é uma prova adicional de sua maldade, como também o são sua natureza e seus filhos com mulheres humanas que, em Enoque, são gigantes que se voltam contra a humanidade, destruindo bens e devorando carne humana (RUSSEL, 1991, p. 186).

Sendo assim, a humanidade lamenta ao Senhor: “Tu viste o que Azazel fez,

ensinando toda maldade da terra... E toda terra foi corrompida pelas obras ensinadas por Azazel: a ele atribui todo o pecado” (Enoque Etíope 9: 6; 10: 8). Atendendo às súplicas da humanidade, o Senhor faz descer do céu quatro arcanjos, Uriel, Rafael, Gabriel e Miguel (que encarnam os aspectos protetores da natureza divina) para salvá-la. Os arcanjos enfrentam e matam os gigantes, cujas almas permanecem, para “afligir, oprimir, destruir, atacar, combater e promover a destruição sobre a terra” (Enoque Etíope 15: 11).

O pecado na terra seria então causado pelos Guardiães? Ao trabalhar diretamente com Enoque, vemos que este não tem certeza dessa afirmativa. Levemos em conta algumas passagens. Sua descida ocorre muito tempo depois da expulsão de Adão e Eva do Éden e do pecado de Caim contra Abel, e Enoque diz que “o pecado não foi mandado para a terra, mas o próprio homem o criou” (Enoque Etíope 54: 6). A ambivalência do livro de Enoque, escrito em um período de um século e meio por vários autores, indica que na Apocalíptica o conceito da origem do Mal era muito fluido.

Outra fonte, o Livro dos Jubileus, escrito entre 135 e 105 a.C. por um fariseu que esperava a chegada imediata do reino messiânico, mostra outra faceta da descida dos Guardiães à terra. Assim, este livro narra que os Guardiães, nos dias de Jared, desceram à terra, mas não o fizeram com o propósito de pecar, e sim “para instruir os filhos dos homens, e para promover o julgamento e a bondade na terra” (Livro dos Jubileus 4: 15). Desta forma, não são em sua essência ruins, o que os corrompe é o desejo que, ao chegarem à terra, sentiram pelas filhas dos homens. A ambivalência destes seres celestiais torna-se clara: seu intuito inicial era de ajudar/auxiliar os seres humanos, mas, cedendo ao pecado, tornam-se maus. Seus chefes, conforme elencado anteriormente são Belial e Mastema; seus filhos são os gigantes que provocam a destruição e seduzem as pessoas para o pecado. O castigo de Deus contra os Guardiães e seus filhos acontece severamente.

Assim, os espíritos dos gigantes mortos permanecem na terra, praticando o mal e tentando a humanidade para que pratiquem os pecados ensinados por eles. Por essa razão, Noé pede ajuda a Yahweh para que estes espíritos não corrompam seus filhos e para que sejam salvos:

E ele [Noé] orou diante do Senhor seu Deus e disse: “Deus dos espíritos de toda a carne, que mostrou misericórdia a mim e salvou a mim e a meus filhos das águas do dilúvio, e não me fez perecer como fez aos filhos da perdição; Porque sua graça tem sido grande para mim, e grande tem sido tua misericórdia a minha alma [vida]; Permita que sua graça alcance meus filhos, e não permita que espíritos maus os governem de modo que os eliminem da terra. Mas abençoe a mim e a meus filhos, de modo que nós possamos multiplicar e encher a terra. E tu sabes como teus Guardiões, os pais desses espíritos, agiram em meus dias: e para esses espíritos que estão vivos, prende-os e os detenha rapidamente no lugar da condenação, e não permita que eles tragam destruição aos filhos de teu servo, meu Deus; porque esses [espíritos dos Guardiões] são malignos e criados para destruir. Não permita que eles governem sobre os espíritos dos vivos; porque somente tu pode exercer domínio sobre eles. E não permita que tenham poder sobre os filhos dos justos de agora e para sempre”. (Livro dos Jubileus 10: 3-6).

Mas, após o Senhor ordenar que todos fossem presos, um dos chefes dos espíritos

Guardiães, Mastema, replica:

E o chefe dos espíritos, Mastema, veio e disse: “Senhor Criador, permita que alguns deles permaneçam diante de mim, e permita que eles escutem a minha voz, e façam tudo o que eu disser a eles; porque se nenhum deles for deixado para mim eu não serei capaz de executar o poder de minha vontade nos filhos dos homens; porque eles são para corrupção e desviados de meu julgamento, porque grande é a maldade dos filhos dos homens”. (Livro dos Jubileus 10: 8).

E Yahweh responde: “...deixem que a décima parte deles permaneçam diante dele, e que nove partes desçam ao lugar da condenação” (Livro dos Jubileus 10: 9).

Analisando os excertos acima, percebe-se que no Livro dos Jubileus, os Guardiães não trazem o pecado, porém eles e seus descendentes exacerbam os pecados do mundo. Seu líder, Mastema, aparece como príncipe dos anjos caídos e é considerado, segundo Russel (1991, p. 215) o próprio Satã, chefe dos anjos caídos, adquirindo, assim, um acentuado ar diabólico. Mas, em última análise, vemos que é o próprio Yahweh que concedeu explicitamente a Mastema o direito de manter um a cada dez demônios para exercer sua vontade sobre o homem, tornando-se Ele próprio, segundo o autor dos Jubileus, o responsável pelos males do mundo.

O chamado Livro dos Segredos de Enoque mostra-nos outra justificativa relevante, um elemento novo e significativo que explica que a rebelião perpetrada pelos anjos deu-se por outro motivo, o orgulho:

E um dos anjos, tendo saído de sua hierarquia e se desviado para uma hierarquia abaixo da sua, concebeu um pensamento impossível: colocar o seu trono acima das nuvens que se encontram sobre a terra, para que seu poder se igualasse ao meu. Precipitei-o do alto com seus anjos, e ele pôs-se a voar por cima do abismo, continuamente. (Livro dos Segredos de Enoque 29: 3-4)

Assim, a combinação entre os motivos de rebelião e desejo fundiu dois pecados originalmente separados, e dois motivos de pecado originalmente diferentes. Somando-se a este fragmento do Livro dos Segredos de Enoque, encontra-se no livro de Isaías novamente a justificativa do orgulho como causa da queda, em consonância com o conceito de Diabo:

Então! Caíste dos céus, astro brilhante, filho da aurora! Então! Foste abatido por terra, tu que prostravas as nações! Tu dizias: Escalarei os céus e erigirei meu trono acima das estrelas. Assentar-me-ei no monte da assembleia, no extremo norte. Subirei sobre as nuvens mais altas e me tornarei igual ao Altíssimo. E, entretanto, eis que foste precipitado à morada dos mortos, ao mais profundo abismo. (Is 14: 12-15)

Independente de qual tenha sido a intenção de Isaías, o trecho acima remete à queda de um membro da corte celestial, que pode ser justificada a partir de quatro ideias que até então se encontravam separadas, que agora se unem mostrando uma certa lógica para essa queda: (1) o pecado do Diabo por meio do orgulho; (2) a ruína dos Guardiães pela luxúria; (3) a queda do “astro brilhante, filho da aurora” pelo orgulho; (4)

a descida dos Guardiães com finalidades de pecado (RUSSEL, 1991, p.190).

Porém, devemos ressaltar, de acordo com Russel, que existe, entre as fontes acima citadas, uma incoerência temporal:

Uma incoerência fundamental desses mitos é a cronologia da queda. Os anjos Guardiães caíram depois que Adão e Eva já tinham deixado o Éden e produzido muitas gerações de filhos, estando o pecado dos Guardiães situados na época de Noé. Os Guardiães seduzem as filhas dos homens e também ensinam a estes um conhecimento útil. Mas a aquisição de tal conhecimento pela humanidade é desagradável ao senhor. Os mitos da queda de Adão e Eva e da humanidade à época dos Guardiães, podem, do ponto de vista estrutural, ser considerados, como o mesmo mito, com o significado de que a humanidade adquiriu um conhecimento que o senhor queria ocultar-lhe. O mito é tipologicamente semelhante ao dos Titãs, na Grécia. Pois Adão e Eva foram tentados por um anjo mau, Satã. E se a lógica e a cronologia fossem seguidas, essa tentação seria impossível, já que os anjos ainda não tinham caído. As tentativas dos estudiosos modernos de introduzir coerência, falando de uma distinção entre os Guardiães e Satã, levou a uma separação artificial dos dois: Satã, ou os satãs, e os outros anjos maus são essencialmente a mesma coisa. (RUSSEL, 1991, p. 216-217)

O dualismo em relação à figura do Deus ainda continua. Em Jó, a separação entre o bom e o mau ainda continua a fazer parte do caráter divino. Yahweh e Satã trabalham em conjunto nas passagens referentes a este texto veterotestamentário. Deus se deixa tentar por Satanás, cai em sua armadilha e passa a abusar de Jó. Para tornar mais clara esta posição, ressalta-se que Jó vivia uma vida regrada, direita e respeitosa quanto aos ensinamentos e regras de Deus, mas Satã questiona o sentido e o porquê destas ações:

Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satanás entre eles. O Senhor disse-lhe: De onde vens tu? Andei dando volta pelo mundo, disse Satanás, e passeando por ele. O Senhor disse-lhe: Notaste o meu servo Jó? Não há ninguém igual a ele na terra: íntegro, reto, temente a Deus, afastado do mal. Mas Satanás respondeu ao Senhor: É a troco de nada que Jó teme a Deus? Não cercaste como de uma muralha a sua pessoa, a sua casa e todos os seus bens? Abençoaos tudo quanto ele faz e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a tua mão e toca em tudo o que ele possui; juro-te que te amaldiçoará na tua face. Pois bem!, respondeu o Senhor. Tudo o que ele tem está em teu poder; mas não estendas a tua mão contra a sua pessoa. E Satanás saiu da presença do Senhor. (Jó 1: 6: 12)

Após esta passagem, a família e os bens de Jó são destruídos ou retirados de sua posse em uma série de episódios trágicos, mas mesmo assim ele não deixa de louvar o Senhor, não atribuindo a culpa dessas calamidades a Deus (Jó 1: 13: 22). E, após o ocorrido, Satanás apresenta-se novamente perante ao Senhor:

Ora, um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, Satanás apareceu também no meio deles na presença do Senhor. O Senhor disse-lhe: De onde vens tu? Andei dando volta pelo mundo, respondeu Satanás, e passeando por ele. O Senhor disse-lhe: Notaste o meu servo Jó? Não há ninguém igual a ele na terra, íntegro, reto, temente a Deus e afastado

do mal. Persevera sempre em sua integridade; foi em vão que me incitaste a perdê-lo. Pele por pele!, respondeu Satanás. O homem dá tudo o que tem para salvar a própria vida. Mas estende a tua mão, toca-lhe nos ossos, na carne; juro que te renegará em tua face. O Senhor disse a Satanás: Pois bem, ele está em teu poder, poupa-lhe apenas a vida. Satanás retirou-se da presença do Senhor e feriu Jó com uma lepra maligna, desde a planta dos pés até o alto da cabeça. (Jó 2: 1-5)

Como nos mostra Russel, nesta passagem como em Zacarias, Satã² agora é uma personalidade com a função de acusar, opor e prejudicar os seres humanos, mas ainda não é o princípio do Mal, que continua com o Deus, mas sim membro da corte celestial que nada faz sem o consentimento e a vontade do Deus (RUSSEL, 1991, p. 194). De acordo com Miles, tratando diretamente dos dois excertos citados acima, vemos que: “Apostar faz parte do esporte, e o Senhor foi tentado a fazer uma aposta com o inimigo da humanidade (...) Para nós basta saber que o Senhor foi suscetível às sugestões de um ser celestial hostil ao ser humano” (1997, p. 346).

Para Miles, o grande tentado não é Jó, mas sim Deus, e o grande tentador não é Satanás, mas, da mesma forma, Deus. Assim, Deus se transforma em tentado e tentador. Deus se deixa persuadir por Satanás, cai em sua armadilha. Provocado por um ser demoníaco, o lado maléfico do Senhor aflora de uma maneira espantosa e Deus se torna muito mais um adversário do homem que o próprio Satanás, lembrando o orgulho dos seres celestes, presente no Livro dos Segredos de Enoque. Porém, em lugar de agir simplesmente como um instrumento da vontade do Senhor, Satã tende a persuadi-lo a fazer mal ao seu fiel servo Jó, tornando-se, assim, a personificação do poder destruidor de Deus.

Mas é no Livro da Sabedoria de Salomão, escrito por volta do século I a.C. que encontramos claramente a figura de Satã como o oponente,positor, não somente do homem mas também do Senhor: “Ora, Deus criou o homem para a imortalidade, e o fez à imagem de sua própria natureza. É por inveja do demônio que a morte entrou no mundo, e os que pertencem ao demônio prová-la-ão” (2: 23-24).

Segundo Russel, esta é outra dimensão da evolução da palavra e do conceito de demônio, estando este em oposição ao Senhor e à humanidade, sendo o que traz a morte, o fenômeno natural mais temido pelos hebreus, agora ligada a Satã e a ele atribuída (RUSSEL, 1991, p. 194). Fica claro, neste texto, que o autor não atribui a morte à vontade do Deus, tampouco a entende como um castigo pelo pecado cometido pela humanidade, mas sim um resultado da vontade maléfica do Diabo. Assim, o poder destrutivo e tentador antes perpetrado pelo Deus agora pertence ao Diabo, enquanto o aspecto bom do Deus tornou-se, para a época, o Senhor.

É na evolução dos *mal'akim Yahweh*, mensageiros de Deus que vagam no mundo a seu serviço, que ocorre o momento decisivo da manifestação do Diabo no contexto dos israelitas. O *mal'ak* é a voz do Deus, que em algumas passagens configura-se como

² Tratando diretamente o Satã descrito em Jó, etimologicamente, a palavra hebraica Satã era um nome comum que significava “adversário” e foi traduzido para o grego como “diabolos” ou “diabo”. Sem dúvida, há uma peculiaridade linguística em cada língua: tanto o grego como o hebreu têm artigos definidos, mas estes dão lugar a significados opostos. Em hebreu, “o satan” é um nome comum, “adversário”. KELLY, Henry Ansgar. *Pobre Diablo*. Una Biografía de Satanás. Trad. Raúl Fernández. Barcelona: Global Rhythm Press S. L., 2011, p. 19.

idêntico a Deus, como em Êxodo 3: 2, em que fala a Moisés. Posteriormente, um espírito que se comporta como *mal'ak*, surge em Juizes 9: 23: “Reinou Abimelec sobre Israel durante três anos, e Deus suscitou um mau espírito entre ele e os habitantes de Siquém, que os fez se revoltarem”.

Nesta passagem, o *mal'ak* destruidor quase foge ao controle, mas o Senhor o contém no último instante, e, como aparece no texto, o Senhor teria se arrependido. Segundo Russel, a imputação do mal ao *mal'ak*, e não ao próprio Yahweh, permitiu aos hebreus evitar o problema da teodiceia, pois, em certo nível, eles sabiam que o *mal'ak* era Yahweh, mas em outro, livrando Deus de sua faceta destruidora, podiam começar a imaginá-lo como uma entidade à parte (RUSSEL, 1991, p. 195).

Em uma lenta evolução, o *mal'ak* obtém segundo os escritos veterotestamentários, sua independência de Yahweh, gradualmente, seu aspecto destrutivo é ressaltado, tornando-se, por fim, a personificação da sombra do Senhor, o seu oposto, o lado escuro da natureza divina. Desta maneira, passou a ser o anjo mau, Satã, o obstrutor, o mentiroso, o destruidor. Essa evolução crucial na história do Diabo iria mais além no período apocalíptico (RUSSEL, 1991, p. 197).

Como exemplo temos o *mal'ak* maligno, totalmente independente do mando do Senhor, no Livro dos Jubileus. Vejamos:

E o príncipe Mastema levantou-se contra ti, e tentou te entregar nas mãos do Faraó, e ele sempre ajudou os magos egípcios, e eles se levantaram [e ele se levantou por eles] e trabalharam [exerceram] diante de ti. A maldade nós permitimos que eles trabalhassem, mas os remédios nós não permitimos serem feitos pelas mãos deles. E o senhor os feriu com úlceras malignas, e eles eram incapazes de ficar de pé, porque nós os destruimos e eles não podiam fazer um sinal sequer. E não bastassem todos (estes) sinais e maravilhas o príncipe Mastema não estava envergonhado porque ele tomou coragem e gritou aos egípcios para que perseguissem após vós com todos os poderes do Egito, com suas carruagens, e com seus cavalos, e com todos os exércitos [hostes] dos povos do Egito. E eu fiquei entre os egípcios e Israel, e nós livramos Israel de suas mãos, e para fora da terra daquele povo, e o Senhor os trouxe para o meio do mar como se fosse terra seca. E todos os povos que nós trouxemos a perseguir após Israel, o Senhor nosso Deus os atirou no meio do mar, nas profundezas do abismo abaixo dos filhos de Israel, da mesma forma que o povo do Egito havia atirado seus filhos [de Israel] no rio. Ele [Deus] tomou vingança contra 1.000.000 deles, e mil homens fortes e enérgicos foram destruídos por cada um amamentado [bebê] dos filhos de teu povo que eles haviam atirado no rio. E no décimo quarto dia, e no décimo quinto, e no décimo sexto, e no décimo sétimo, e no décimo oitavo, o príncipe Mastema estava atado e preso atrás dos filhos de Israel de modo que ele não os podia acusar. (Livro dos Jubileus 48: 9-15).

Nesta passagem, o príncipe dos espíritos maus, Mastema, juntamente com seus seguidores tentam, acusam, destroem e castigam a humanidade, assumindo eles próprios as características maléficas antes atribuídas a Yahweh. Neste mesmo sentido, vemos a separação das boas e das más ações, quando Mastema tenta matar Moisés:

E tu mesmo sabes que Ele [Deus] falou contigo no Monte Sinai, e o que o príncipe Mastema queria fazer contigo quando tu estavas retornando ao Egito

no caminho, quando tu o encontraste no alojamento [na festa dos tabernáculos] [...]. Não procurou ele com todo seu poder matar-te e livrar os Egípcios de tuas mãos quando ele viu que tu eras enviado para executar julgamento e vingança aos egípcios? (Livro dos Jubileus 48: 2-3)

Como vimos, Yahweh não pratica ele mesmo o mal, mas sim Mastema, príncipe dos espíritos malignos, ou, usando uma outra terminologia para o mesmo nome, o mal é praticado pelo *mal'ak*. É neste momento que surge uma grande indagação: por que Yahweh criou o *mal'ak* e até mesmo concedeu-lhe o poder de seduzir, destruir e matar? A literatura apocalíptica volta-se para uma nova resposta: o Senhor só permite o mal por algum tempo. No fim do mundo, o Messias virá e julgará Mastema, o poder dos anjos será destruído, e eles serão amarrados e aprisionados para sempre, para que não possam mais acusar os filhos de Israel (RUSSEL, 1991, p.197).

Esta resposta encontra-se em uma passagem do Livro dos Jubileus. O autor trata da escatologia, a destruição da terra e o fim do Mal e dos anjos malignos:

E todos os dias deles serão completados e vividos em paz e alegria, e não haverá Satanás nem nenhum destruidor maligno; porque todos os dias deles serão dias de bênção e salvação [cura]. E naquele tempo o Senhor curará Seus servos, e eles se levantarão e verão grande paz, e expulsarão seus inimigos. E os justos verão e serão gratos, e se alegrarão com alegria para todo o sempre, e verão todos os seus juízos [julgamentos] e todas as suas maldições sobre seus inimigos. (Livro dos Jubileus 23: 29-30).

Fica claro que, no dia do Juízo Final, os anjos malignos não prevalecerão perante a vontade do Senhor, tampouco as doenças, maldições, pecados, e qualquer tipo de mal perpetrados por eles. Porém, diante dessa passagem, persiste uma pergunta que se torna o principal problema da teodiceia apocalíptica: se o Senhor tem o poder, como apresentado pelo autor do Livro dos Jubileus, de destruir Satanás, e de certa forma quer destruí-lo, por que esperar até o fim do mundo para praticar tal ato? Conforme indica Russel, esta é uma versão da pergunta que atormentou sempre os teólogos: por que o Deus permite tanto mal? Pois, se o Deus permite, e até mesmo é condizente com estes atos, não é o Deus responsável pela destruição? Não quer a destruição, ele próprio, em última análise? Os esforços dos hebreus e dos judeus apocalípticos obscurecem a questão (RUSSEL, 1991, p. 198).

O que se pode entender como solução a essas perguntas inquietantes é que tanto a literatura apocalíptica quanto a cristã são dualistas neste ponto. Assim, no fim do mundo, o Mal será destruído e negado, e, como nenhuma parte do divino pode ser destruída ou negada, o Mal não pode, em última instância, fazer parte da natureza divina, e, como a natureza divina é tudo aquilo que dá coerência ao cosmos, o Mal não pode prevalecer; o Mal, assim, configura-se como a ausência do Bem. Estas são suposições teológicas posteriores, que não estão explícitas na literatura apocalíptica, mas sim implícitas, e que criaram, com isso, um paradoxo: o Mal é feito pelo *mal'ak*, que é sujeito a Yahweh (senão parte dele), portanto deve ser desejado, ainda que indiretamente, por Yahweh; e, não obstante, o Mal é erradicado por Yahweh no fim do mundo, e por esse motivo não tem existência eterna. Assim, o Mal é parte de Yahweh, por ter sido criado por Ele, e ao mesmo tempo não é, por não comungar com Ele até a eternidade (RUSSEL,

1991, p. 198).

Nas passagens de Enoque Etíope, vê-se que este se refere aos “satãs” no plural, bem como ao Satã no singular, e alguns críticos argumentam que os satãs são uma classe de anjos que tinham como uma de suas funções submeter os anjos Guardiães à tentação e, com esse intuito, provocar-lhes a queda. No julgamento narrado por Enoque, fica clara a posição dos anjos malignos perante o povo que o Senhor salvará:

Então ouvi as vozes daqueles sobre os quatro lados, magnificando o Senhor da glória. A primeira voz abençoou o Senhor dos espíritos para sempre e sempre. A segunda voz ouvi abençoando ao Eleito e aos eleitos que sofrem pela causa do Senhor dos espíritos. A terceira voz eu ouvi pedindo e orando em favor daqueles que habitam sobre a terra, e suplicam no nome do Senhor dos espíritos. A quarta voz eu ouvi expulsando os anjos ímpios, e proibindo-os de entrarem na presença do Senhor dos espíritos para proferirem acusações contra os habitantes da terra. (Enoque Etíope 40: 3-7).

Segundo Richard Laurence, nessa passagem, os “anjos ímpios” são literalmente os *satãs* (LAURANCE, 1883, p. 45), lembrando que, no hebreu, *Há-Satã*, traduzido diretamente como “o adversário”, foi originalmente o título de um ofício e não o nome de um anjo. O Trecho que faz a referência direta à queda encontra-se particularmente em uma parte posterior do livro de Enoque Etíope. Enoque elenca uma série de anjos que são tratados como chefes, líderes de centenas de outros anjos, mas um deles merece destaque, Yekun, aquele que segundo o texto seduziu nada menos que todos os filhos dos santos anjos e fez com que descessem à terra tirando o homem do caminho do Bem. Esclarecendo a passagem, e mais precisamente o nome do primeiro entre os anjos, Michael, A. Knibb demonstra que o nome *Yekun* pode, neste contexto, significar “o rebelde” dando a entender que uma grande parte dos anjos rebelaram-se contra o Senhor e, sob o comando de Yekun, desceram dos céus para proliferar o pecado/Mal (KNIBB, 1978, p. 160).

Uma importante e pertinente observação acerca da análise do texto de Enoque e dos anjos rebeldes feita por Russel pode-nos esclarecer algumas questões referentes à ambiguidade que o nome de alguns anjos possuem:

Semyaza aparece como príncipe dos Guardiões no Enoque Etíope 7: 3, mas em outros lugares tem um papel secundário. Supondo que Satã e Azazel são um só Diabo, podemos resolver as discrepâncias em Enoque, onde por vezes Azazel e Satã são chamados de príncipe do Mal. Os trechos de Satã só ocorrem nos capítulos provavelmente escritos por último. Ao que parece, o autor posterior preferiu o nome de Satã, que se popularizava no século I a.C., ao de Azazel, usado um século antes no Livro de Noé do Enoque Etíope. (RUSSEL, 1991, p. 218).

Desta forma, pode-se considerar que não existem evidências realmente concretas e convincentes de que Enoque, em seus escritos, considerasse os *satãs* uma classe diferente e distinta dos Guardiães, ou que o pecado destes fosse resultado de uma tentação perpetrada pelos *satãs*, ou mesmo pelo próprio Satã.

Portanto, é possível notar claramente que as funções dos *satãs* e dos Guardiães

desaparecem, desta forma, tornando ambos um grupo de anjos caídos, no qual Satã e Azazel são apontados como dois nomes para o mesmo princípio do Mal, ambos considerados o Diabo (RUSSEL, 1991, p. 200). Como vimos em Jubileus, os anjos maus serão castigados, atormentados com o fogo e, no fim do mundo, quando o Messias chegar, serão lançados para dentro da terra para ficarem nas trevas pela eternidade.

Continuando, nos livros de Adão e Eva, a caracterização de Satã, ou do Diabo, é mais clara. Este leva Adão e Eva à queda, aparecendo para Eva na forma de um belo anjo, que a seduz com êxito. Aqui a transferência do mal do Deus, Yahweh, para Satã é clara em comparação com outras passagens. Por exemplo, não é mais Abraão ou Jó buscando compreender a vontade do Deus; agora é ao Diabo que se deve perguntar por que existe o Mal no mundo. Segundo Burton Russel, o livro de Adão e Eva, combinados com o apocalipse de Moisés, existem em versão latina e eslavônica. Estes foram escritos por um autor judeu antes de 70 d.C., embora existam outros acréscimos posteriores. A capacidade que tem o Diabo, neste texto, de tomar a forma de um belo anjo foi explicada por teólogos posteriores em termos de sua natureza angelical. Os anjos não têm corpos, ou apenas corpos espirituais, assim, para se comunicarem com seres humanos assumem a forma que acharem mais plausível para o momento, e Satã, juntamente com os anjos maus, usa essa capacidade a fim de enganar, adotando uma forma bela, ou humilde, ou qualquer outra forma (RUSSEL, 1991, p. 219).

Como se encontra em outros apócrifos, é a serpente que tenta Eva, mas tal serpente configura-se como um instrumento de Satã, que, como um anjo brilhante, tenta o animal para que compartilhe de sua inveja para com o primeiro casal da criação, sendo que esta versão dá ênfase ao sexo, na questão da queda: a serpente “jogou no fruto o veneno de sua maldade, que é a luxúria, a raiz e começo de todo pecado” (Apocalipse de Moisés 15-23).

Votando à questão dos Guardiães e sua queda, vimos que esta foi posterior à criação dos seres humanos, e o que motivou sua expulsão do panteão celeste foi a beleza das filhas dos homens que tanto tentava tais anjos. Agora, como vimos, não são mais as mulheres, ou a luxúria o motivo da ação do Diabo, mas sim o orgulho. O Diabo, sendo um anjo, está acima de Adão na ordem natural e foi criado antes dele. Adão, segundo os escritos, é feito à imagem e semelhança de Deus, de uma maneira que os anjos não são, e por essa característica que é legada aos seres humanos os anjos devem adorá-lo. Pelo orgulho de não venerar seres inferiores, o Diabo recusa-se, chocando-se diretamente com a vontade divina. Assim, o Diabo cai pelo orgulho e pela inveja, mas não inveja de Deus, e sim do próprio homem.³

O Testamento dos Doze Patriarcas, livro composto de doze obras, em sua maioria essênias, sobre os Doze Patriarcas, com extensa escatologia e apologia à Ética, escrito por volta de 180 a.C., também trata de Satã como um anjo que congrega todo o tipo de mal. O Senhor está diretamente associado ao bem ético, e o Diabo ao mal ético. O testamento de Dan, assim, reforça a ligação do Mal com o Diabo afastando-o da caracterização do Deus que, deste ponto de vista, se torna o oposto do Mal. Dan ainda aconselha seus filhos: “Observai os Mandamentos do Senhor, meus filhos! Segui a sua Lei. Desfazei-vos da ira! Odiai a mentira! Então o Senhor habitará em vós, e Belial

³ Curiosamente há mais uma sugestão disso no conflito comum no mito entre o irmão mais velho e o irmão mais novo, o primeiro trabalha até mais tarde e com mais ardor para agradar o pai, ficando magoado e sentindo-se ofendido pela preferência paterna pelo filho mais novo. Vemos que o Alcorão segue essa versão do mito, dizendo que Íbis (Lúcifer) caiu devido a sua inveja de Adão.

fugirá”, fazendo novamente a distinção do Deus e do Diabo – na passagem, Belial – para que se afastem da ira e da mentira que se tornam diretamente ligadas ao Mal.

Continuando, no mesmo testamento, temos mais uma característica que será atribuída ao Diabo. Observemos:

Eu li no livro de Enoque, o Justo, que o vosso príncipe será Satanás, e que os espíritos da luxúria e da arrogância conspiram para atentar constantemente contra os filhos de Levi, a fim de levá-los ao pecado diante do Senhor. Os meus filhos igualmente aproximar-se-ão dos filhos de Levi, para juntamente pecar com eles. E os filhos de Judá serão cobiçosos e avançarão sobre a propriedade alheia como leões. (Test. de Dan 5, 3)

Aqui Satanás é ligado aos espíritos da luxúria e da arrogância que tentam os homens para que se afastem de Deus, levando-os para o pecado e conseqüentemente para a perdição. No testamento de Gade, existe uma passagem semelhante ao testamento de Dan, onde ocorre a associação de Satanás com o ódio e com a perdição:

O ódio associa-se à inveja contra aqueles que são felizes; quando ouve falar da sua felicidade e a presença, fica doente. Pois, se o amor deseja ressuscitar os próprios mortos e resgatar os que à morte se destinam, o ódio deseja massacrar os vivos e não permitir que vivam nem os pecadores veniais. O espírito do ódio é pusilânime e age constantemente aliado a Satanás para atentar contra a vida dos homens; o espírito do amor porém age com benevolência, aliado à Lei divina, para a salvação dos homens. (Test. de Gad 4: 3).

À medida que os testamentos dos 12 patriarcas são analisados, aumenta a distância entre Deus e o Diabo, colocando-os em uma oposição totalmente dualista. Na passagem acima, novamente Satanás está associado ao espírito do ódio e da inveja em contraponto ao espírito do amor que age com benevolência aliado à lei divina, que salva os homens da danação eterna. No último julgamento, que se encontra implícito no testamento de Aser, temos uma perspectiva mais clara do fim dos tempos na visão dos patriarcas:

Portanto, filhos, observai os Mandamentos do Senhor, e segui a verdade com uma mente simples! Pois aqueles que têm dupla face serão duplamente culpados. Aborrecei os espíritos da sedução, que militam contra os homens! Guardai a Lei do Senhor! Não considereis como bom aquilo que é mau! Atendei-vos muito mais ao bem verdadeiro! Praticai-o por meio de todos os Mandamentos do Senhor! Que ele marque o vosso comportamento, nele resida a vossa paz! O fim dos homens mostrará o que eles foram; naquela hora estarão diante do Anjo do Senhor e de Satanás. Se uma alma estiver em aflição, é porque é atormentada pelo espírito mau; a este outrora serviu nos prazeres e em obras depravadas. Mas, se uma alma se apresentar em paz e contentamento, irá ao encontro do Anjo da paz; e ele a introduzirá na vida eterna. (Test. de Aser 6: 1-2).

Novamente, é apresentado o conselho de um dos patriarcas para seus filhos para que sigam os mandamentos do Senhor, pois existem espíritos maus que militam para distanciar o homem do comportamento que para a época era o correto. Tratando

diretamente da escatologia, Aser mostra que a tentação está presente, mas compete ao homem aceitar ou não os ensinamentos do Senhor, a culpa última vem a ser um fardo que o ser humano carregará e que no final é essa a diferença que separará os bons dos maus.

Vemos nessas obras que a vontade do Senhor, nas palavras dos patriarcas, contrasta com a de Satanás, chefe dos anjos maus. Cada um deles tem seu próprio reino. O Diabo torna-se a personificação do pecado e manda os espíritos da ira, do ódio, da mentira e da luxúria para desviar o homem dos ensinamentos do Senhor. Ele é o senhor da fornicação, da guerra, da morte, do pânico e da destruição, aquele que governa a alma dos maus. O fim do ser humano, como o fim do mundo, é concretizado em uma violenta luta entre o anjo do Senhor e o anjo de Satã. Como nos mostra Burton Russel, o uso da expressão “anjo de Satã” indica até onde a literatura apocalíptica tinha se afastado do conceito de Satã como *Mal'ak Yahweh*, pois o Diabo é agora tão independente de seu criador que tem seu próprio *Mal'ak*, ou anjo (RUSSEL, 1991, p. 203).

Outras obras apocalípticas, como a Assunção de Moisés, o Martírio de Isaías, Os atos de Abraão, o Apocalipse hebraico de Baruque, pouco contribuem para o conceito de Mal, sendo que somente no apocalipse grego de Baruque vemos um novo elemento introduzido, que por sua vez não teve influência duradoura: a árvore que levou Adão e Eva à perdição era a videira, pois “da ingestão do vinho vêm todos os males”. De todos os pecados da carne, só a embriaguez e a luxúria foram associadas à queda do homem, e somente a última torna-se parte da tradição (RUSSEL, 1991, p. 203).

Mas foi a literatura qumrânica, que faz parte da tradição apocalíptica, mesmo com suas distinções, que direcionou o conceito de Diabo para o dualismo. Segundo Herbert May, o dualismo dos documentos de Qumran não se apresenta somente como um conflito psicológico, dentro do indivíduo, entre seguir ou não o caminho da retitude encontrado nos ensinamentos do Senhor, mas sim como um dualismo no qual os bons e os maus são levados por espíritos bons e maus de dimensões cósmicas (MAY, 1963, pp. 1-14). Sobre tal tema, apresenta-se o seguinte trecho:

Do Deus da sabedoria vem tudo o que será. Antes de tudo o que existe. Ele criou o homem para governar o mundo e nomeou para ele dois espíritos para caminhar junto a ele até o momento de sua visitação: os espíritos da verdade e da injustiça. Os que nascem do espírito da verdade vêm da luz, mas os que nascem da injustiça vêm das trevas. Todos os filhos da retidão são governados pelo príncipe da luz; mas todos os filhos da injustiça são governados pelo anjo das trevas e caminham pelos caminhos da escuridão. O anjo das trevas leva todos os filhos da justiça desviando-os e, até o seu fim, todos os seus pecados, iniquidades, maldade e todos os seus atos ilegais são causados por seu domínio de acordo com os mistérios de Deus [...]. (Regra da Comunidade, 3).

Esse trecho retirado dos manuscritos, mais precisamente da regra comum, mostra a dimensão antropológica que toma o combate entre as forças da luz e as hostes das trevas. Dois espíritos em oposição, lutando pelo controle do mundo e pelas almas dos indivíduos. Como se observa no excerto, tais espíritos não são abstrações, mas sim entidades individuais de grande poder. O conflito entre as hostes é eterno e torna-se, para os escritores do período, cada vez mais presente. As legiões das trevas estão cada

vez mais atuantes, e, durante quarenta anos, ferozes batalhas assolarão a terra. O fim do mundo ocorrerá brevemente e Satã fará o máximo para desviar os escolhidos de Deus e para destruir o universo antes do triunfo inevitável do Senhor da Luz.

Esses últimos dias, narrados na Regra de Damasco, serão os piores que o mundo conhecerá, pois o poder de Satã estará no auge e sua maldade, no seu mais elevado e cruel ponto. “Durante todos esses anos Satã será lançado contra Israel” (Regra de Damasco, 4); “Enquanto durar o domínio de Satã [...] O Anjo das Trevas leva todos os filhos do Bem à perdição”: todos os pecados de Israel são resultado do domínio de Satã, e este se evidencia na inclinação para o Mal, o *yetzer* há *ra*, dentro dos homens (Regra da Comunidade, 3). Conforme ensina a Regra de Damasco, esta se configura como a pior das eras, em que Satã caminha na terra em triunfo, o que precede a volta do Senhor, que, por sua vez, se levantará e o destruirá dando início a outro tempo no qual reinarão o Bem e a Luz.

Como demonstra Russel, o Messias salvará os eleitos justos, os filhos da luz, e os levará para um reino terreno de paz, felicidade e prosperidade, deixando de lado os gentios e os judeus infiéis, que ficarão com Satã e seus anjos para serem punidos, com eles e por eles, por toda a eternidade (RUSSEL, 1991, p. 205). Assim, para os autores dos manuscritos, o Senhor que cria as trevas tem a responsabilidade de dar cabo dela, enviando o Messias que chegaria a qualquer momento, salvando o povo eleito das mãos de Satã. Mas uma nova série de representações maléficas e demoníacas surgiriam de tempos em tempos na religião hebraica, vindas, a que nos parece, de outras religiões e regiões. Estas eram personificações de males como a fome, a peste e a praga, em parte copiados de Canaã e da Mesopotâmia.

Partindo para o final do período apocalíptico, o Diabo estava diretamente associado com os seguintes elementos/seres encontrados na demonologia e no folclore hebreus: trevas, o mundo subterrâneo e o ar, tentações e abusos sexuais, o bode, o leão, a rã, o sapo e a serpente ou o dragão (RUSSEL, 1991, p. 207).

Considerações Finais

A evolução da ideia da representação do Diabo observada até agora no pensamento hebraico, mais precisamente no período apocalíptico, é de grande importância. A historiografia que trata do tema das origens da ideia do Mal, porém, não mostra uma unidade coesa. Estudiosos encontram traços de Satã ou Belial hebreus em Canaã, Babilônia, Grécia e mais comumente no Irã. Como explica Russel, das influências que podem ter existido, a iraniana é geralmente considerada a mais provável por duas razões:

Primeira, Ahriman e Satã mostram semelhanças intrínsecas; e segunda, essas semelhanças tornam-se mais notáveis no pensamento hebraico de exílio, quando os autores hebreus podiam ter facilmente entrado em contato com ideias zoroastrianas na Babilônia, mas grande parte do desenvolvimento do pensamento mazdaísta ocorreu no período pós-exílio, e também pode ter havido certa influência na outra direção – das ideias judaicas sobre o Irã. (RUSSEL, 1991, p. 208).

Sendo muito próximo do panteão iraniano, e talvez sob sua influência, o

conceito de Diabo evoluiu em grande medida no pensamento hebreu, em particular no período apocalíptico. Tal movimento havia começado no período posterior ao exílio, do Velho Testamento, no qual os hebreus insistiam na ideia de que não havia outro deus senão Yahweh. Anteriormente, no período pré-exílio, tudo o que ocorria, tanto de bom como de mau, era concebido como antinomia divina sob os poderes e a vontade atribuída diretamente a Yahweh. Assim, durante e após o exílio, os hebreus passaram a examinar profundamente sua religião, fazendo uma divisão clara dos princípios e das representações concernentes ao Bem e ao Mal. Porém, nem no Velho Testamento, nem na literatura apocalíptica, essa separação foi de toda forma completa, conservando em um único deus a ambivalência que persistiu até o pensamento cristão (RUSSEL, 1991, p. 209).

Muito das formulações dos rabinos acerca do nascimento do Mal, as mais conhecidas tiveram um grande influxo com a descoberta feita em Qumran de documentos que deram outro tom às raízes do Mal. Tais ideias acerca da evolução do Mal e sua externalização imaginária, ou seja, Lúcifer, Satanás e seus seguidores, foram muitas vezes sincretizadas e adaptadas pelo cristianismo dos primeiros séculos, tornando-se parte da literatura cristã, em que o Mal começa a tomar um lugar de destaque, em uma polarização nítida entre as duas potências, na qual o Deus punitivo veterotestamentário começa a dar lugar a um Deus de paz e bondade.

Bibliografia

Apocalipse de Moisés. In: PROENÇA, E.; PROENÇA, E. O. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 970-981.

CORRIENTE, Federico; PIÑERO, Antonio. Libro 1 de Henoc. In: DÍEZ MACHO, Alejandro (ed.), *Apócrifos del Antiguo Testamento IV*, Madrid: Cristiandad, 1984.

KELLY, Henry Ansgar. *Pobre Diablo*. Una Biografía de Satanás. Trad. Raúl Fernández. Barcelona : Global Rhythm Press S.L., 2011.

KNIBB, Michael A. *The Ethiopic Book of Enoch*. Oxford: Clarendon Press, 1978.

KUGLER, Rivkah Scharf. *Satan in the Old Testament*. Evanston, Ill, 1967.

LAURENCE, Richard. *The Book of Enoch the Prophet*. London: Kegan Paul, Trench & Co., 1883.

LIVRO DE ENOQUE (I ENOQUE). In: PROENÇA, E.; PROENÇA, E. O. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 293-389.

Livro dos Segredos de Enoque. In: PROENÇA, E.; PROENÇA, E. O. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Novo Século, 2004, p.116-145.

MAY, Herbert G. Cosmological reference in the Qumran Doctrine of two spirits in the old testament imagery. In: *Journal of Biblical Literature*, 82, 1963, pp.1-14.

MILES, Jack. Confronto. *Deus, Uma biografia*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NICKELSBURG, George W. E.; VANDERKAM, James C. *1 Enoch: A new translation*. Minneapolis: Fortress, 2004.

O LIVRO DOS JUBILEUS. In: PROENÇA, E.; PROENÇA, E. O. *Apócrifos e pseudo-*

FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.5, nº1, p. 262-281, jan.-jun., 2018.

epígrafos da Bíblia. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 487-490.

O Segundo Livro de Adão e Eva. In : PROENÇA, E.; PROENÇA, E. O. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 86-115.

PRIMEIRO LIVRO DE ADÃO E EVA (O Conflito de Adão e Eva com Satanás). In: PROENÇA, E.; PROENÇA, E. O. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 08- 85.

PROENÇA, E.; PROENÇA, E. O. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Novo Século, 2004.

RUSSEL, Jeffrey Burton. *O diabo. As percepções do mal na antiguidade e no cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

RUSSELL, D. S. *Apocalyptic: ancient and modern*. London: SCM Press, 1978.

Testamento dos Doze Patriarcas. In: PROENÇA, E.; PROENÇA, E. O. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 380- 463.